



A REVISTA

SUPLEMENTO DO NOVAS DA GALIZA / NÚMERO 16

CRUNHA

CAPITAL DA

SIMBOLOGIA

FASCISTA





Ao passar polo Castro das Travessas –na foto- pode-se olhar no horizonte a enorme quinta, hoje convertida em eucaliptal, que em outro tempo fora a granja da Propecsa

Uma olhada da Torre de Morgade: irmandinhos, guerrilheiros e grevistas

CARLOS C. VARELA/ Se sairmos da Corunha cara ao sul, a primeira zona alta é o Mesão do Bento, onde se encontram os concellos de Carral, Avegondo, Messia, Ordes e Cerzeda. Perto, ainda na paróquia de Ardemil, está Morgade. A povoação é antiga, pois a actual aldeia nasce à beira do castro da Torre de Morgade, denominado assim por acolher uma fortaleza medieval, propriedade dos Altamira. Construída no século XIV, quando Lopo Peres de Moscoso consegue licença do Arcebispo de Compostela, será derribada em finais do século XV pola Revolução Irmandinha, que também acaba com o vizinho castelo de Messia.

Polo que nos conta um vizinho, já se perdeu a memória de que lá houvesse uma torre, só se fala do castro. “Valia a pena sachar nele - explica-nos-, porque dim que tem uma trave de ouro do tempo dos mouros. Na cima há uma pedra enorme, que tapa um buraco que vai dar ao rio. Diz-que nesse buraco anda um animal, uma cabra”. Entre dous fundos vales, o local está bem protegido, e só priva de umas vistas privilegiadas a invasão de eucaliptais e a onipresente central de Meirama, a deitar o seu alento de lignito no outrora fertilíssimo Vale do Várzea.

O castro estava unido com o das Travessas, situado a poucos quilómetros no concelho de Carral, justo ao lado da sub-central eléctrica, uma enorme cratera lunar incrustada numa paisagem pós-industrial. Mais adiante, em Viçonho, está o terceiro: o Castro Maior. Os três uniam-se por uma correioira “estreitinha, de pouco mais de um metro mas mui funda, a de anos que teria!”, que “foi todo esbarrancado, entre estradas e concentração parcelar não fica nada; e total, levamos mais de vinte anos com a concentração...” O

senhor casou para Morgade, mas é natal do Hospital de Bruma, uma ilha do concelho de Messia dentro do de Ordes; a pouca distância e na mesma linha que unia os três assentamentos castrejos. Ainda está em pé o posto de socorro que atendia os peregrinos que chegavam por mar, assim como a capelinha da aldeia.

Perguntamos-lhe polos guerrilheiros locais e tampouco duvida: “Sim, ho, os *foucelhas*”. E fala-nos de João Couto Sanjurjo “Simeão”, de Mámoas, outra aldeia de Ardemil. “Foi o último em cair, no ano 1952; o último que colheram vivo. Agarraram-no na casa de Lino em Visantonha. O seu grupo pediu-lhe para dormir no palheiro, mas ele pechou-nos e foi avisar à guarda civil, que daquela tinham um posto nas terras do Marquês de Oblea. Mas estivo pouco tempo preso”. Partilhou cadeia, de facto, com Benigno Andrade “Foucelhas” na Corunha. “Levaram a sua fotografia pelas aldeias para que a gente o reconhecesse como criminal e ninguém o fez. Ele perdera um olho num tiroteio. Quando saiu trabalhou de “conserje” no Laboral do Burgo, e jubilou-se ali”.

Na véspera do 14 de Abril de 1946, para comemorar a data da proclamação da República, Couto recruta uma dúzia de pessoas da sua confiança na sua zona natal, para ajudarem à sabotagem que prepara com os guerrilheiros ordenses Manuel Ponte, António Nouche, José Ramunhão, Manuel Pena, etc. Gomes Gaioso e António Seoane chegaram recentemente à Terra para formarem a nova direcção do *Exército Guerrilheiro da Galiza*. A

ação levou-se a cabo no Canedo, última aldeia de Ordes antes de entrar na comarca da Corunha. Cortam 16 postes da Telefónica, 14 da Telegráfica e voam com dinamita

dous postes de alta tensão situados entre os quilómetros 23 e 24 da estrada geral da Corunha a Vigo. Entre os vizinhos que recrutou “Simeão” conta-se Saúl Mendes Maio, vizinho de Olas (Messia), que com o tempo será chefe da II Agrupação. Outros cinco serão detidos e condenados a quatro anos de cadeia.

Ao passar pelas Travessas, pode-se olhar no horizonte a enorme quinta, hoje convertida em eucaliptal, que em outro tempo fora a granja da Propecsa. Nela trabalhara durante vinte anos o nosso informante, antes de ser expropriada numa trama empresarial do “socialismo” espanhol. “Era a melhor “finca” de Galiza; chegou a haver quatrocentas porcas paridas, e centos de vacas. À terra nunca se lhe botou adubo porque chegava com o que produziam os animais. Os pastos alternavam-se e sempre havia erva, sem falta de trazer rapões de fora. Todos tinham água natural. É um pecado ter isso assim, a monte, e mais neste tempo de crise”. Em finais da década de 1980, desatou-se uma greve perante o abandono das instalações polos seus anteriores donos. “Éramos quase mil trabalhadores, estivemos dous anos sem cobrar, mas os animais não os podias deixar morrer de fome”.

Conta como intentaram sequestrar o chefe da empresa que, num descuido, conseguiu escapar do cerco. Coincidira com o ano das “tractoradas”, que lhe bloqueiam a fuga. É, contudo, capaz de entrar numa furgoneta da empresa, após abandonar o seu carro, com a qual chega à aldeia de Pepim, na paróquia ordense de Mercurim. Ali tem que baixar dela e seguir a pé, até

NA GRANJA DA PROPECSA TRABALHA DURANTE VINTE ANOS O NOSSO INFORMANTE, ANTES DE SER EXPROPRIADA NUMA TRAMA EMPRESARIAL DO ‘SOCIALISMO’ ESPANHOL. “ERA A MELHOR ‘FINCA’ DA GALIZA; CHEGOU A HAVER QUATROCENTAS PORCAS PARIDAS, E CENTOS DE VACAS. À TERRA NUNCA SE LHE BOTOU ADUBO PORQUE CHEGAVA O QUE PRODUZIAM OS ANIMAIS”

Queixas, já no concelho de Cerzeda. Chega à estação do trem (vítima, por certo, do AVE), e pede na taberna que o agachem, ao qual se negam os donos. Ali volta a ser capturado polos trabalhadores que o levam de volta para as instalações da empresa. “Depois chegaram ônibus cheios de anti-distúrbios, deviam ser quinhentos, e nós éramos mil. Apanharam o chefe, escoltaram-no e levaram-no. Nunca por aqui voltou”, conta-nos este homem com uma nostalgia alegre. Ele é de ideias conservadoras, mas sabe bem que “conservadores” não são quem deixaram esmorecer aquela quinta, “a melhor da Galiza”; e que dos que mandam nunca se pode fiar um.



JOÃO COUTO SANJURJO ‘SIMEÃO’, PARTILHOU CADEIA COM O FOUCELHAS. “LEVARAM A SUA FOTOGRAFIA POLAS ALDEIAS PARA QUE A GENTE O RECONHECESSE COMO CRIMINAL E NINGUÉM O FEZ”



Crunha: capital da simbologia fascista

FOTO-REPORTAGEM

TEXTO E FOTOS: CABALAR

“¡Abajo la inteligencial ¡Viva la muerte!” Estas foram as palavras que o fundador da Falange, Millán Astray, espetou ao escritor Miguel de Unamuno numa enredada dialéctica que ambos os dous mantiveram lá polo 1936, justo antes do levantamento militar. O regime posterior de terror que se implantou ficou patente ante os olhos do mundo. O povo galego padeceu 40 anos de repressom sanguinária, na que defensores da liberdade fõrom assassinados sem escrúpulo.

Trinta e quatro anos depois de recuperar as liberdades formais, este povo continua a sofrer a humilha-

çom de ver como existem centenas de ruas, praças e monumentos dedicados a quem dirigiram e executaram tam desapiedada repressom e extermínio. O berço de todos esses atentados contra a dignidade chama-se La Coruña, “con L de libertad”. O franquismo é palpável nas paredes, estátuas e muros de muitas das ruas da cidade; parece nom ter marchado nunca. Basta dar um passeio para que a história negra do fascismo caia sobre a cabeça dum. Homenageiam assassinos, genocidas e antidemocratas. O “chosco” de Millán ficaria ancorado para sempre na memória dos galegos.

É verdade que som chegados tem-

pos de mudança ao consistório sito em Maria Pita. Atingirom-se importantes avanços em higiene democrática com a destruição de símbolos franquistas, mas também é verdade que os políticos se movem como peixe na água pola ampla margem que outorga a ambigüidade. Ruas como Primo de Rivera, General Sanjurjo, ou o Hospital Juan Canalejo, trocárom o nome ou estám a piques de fazê-lo, mas outras como a Praça de Millán Astray e a sua estátua parecem nom ter cabida nesta listagem.

O bipartido tem por diante a difícil tarefa de retirar todos estes símbolos que ainda persistem. Mas começou com má zancada. O nome

que levará a Terceira Ronda, essa que passou por riba de Pena Moa, será Juan Carlos I, herdeiro do franquismo, herdeiro dum sistema nom elegido democraticamente e herdeiro também dos ódios e repugnâncias semeados por todos estes mártires da sem razom.

Veremos em quê vai ficando toda esta parafernália política. Aguardo que no vindeiro ano continuamos a ver o Millán e os seus amiguinhos, mas num museu, lembrados como o que fõrom. Genocidas sem escrúpulo. A melhor forma de recuperar a memória histórica e converter-nos em sujeitos activos na luta republicana e antifascista.



1. Um antigo legionário bica a mão da estátua de Millán Astray durante umha homenagem ao fundador da Legiom.

2. Escudo com a águia de Sam Joám, situado no edificio do Comando Militar da Marinha.

3. Emblema num bloco de vivendas de protecçom oficial próximo à estaçom de trem, construídas durante o regime franquista.

4. Escudo com a águia de Sam Joám e o lema “Una Grande y Libre”, que preside o edificio do quartel de Atocha.

5. Mais escudos na fachada do aquartelamento de Atocha, justo ao lado da estátua de Millán Astray.

6. Imagem de 2008 com o escudo, já retirado, do edificio que Aduanas possui na Avenida de Alférez Provisional.

Deve ser lembrado que a Lei da Memória Histórica estabelece a retirada desta simbologia, obrigando as instituições públicas e negando ajudas às instituições privadas que nom as retirem.



SEI O QUE FIGESTES...

www.seioque.com

NOS ÚLTIMOS 525 ANOS

Ter.17-Nov-09. Clássicos da banda desenhada: A monja Alfarjas. SOQ.



Qui. 19-Nov-09. Iminente saída dos colonos!. M.C.F.S.



Qui. 19-Nov-09 "¿Cuándo te has avergonzado de ser español?". J.J.M.



Sex. 20-Nov-09 Gloria das letras bilíngües. A.R.Q.



Dom. 22-Nov-09. SOQNF no El Progreso de Lugo. SOQ.



Ter.24-Nov-09. Gente com gente! M.C.F.S.



Qua. 25-Nov-09. Citações Célebres - Lope de Vega (I). J.J.M.

Qui. 26-Nov-09. XXV aniversário da 'consulta popular' da P. do Caraminhal. J.J.M.



Sex. 27-Nov-09 Viva a (TVG) Internacional!. A.R.Q.

Dom. 29-Nov-09. Assembleia nacionalista: assim deviam ser todas! SOQ



Seg. 30-Nov-09. No Dia Nacional da Escócia. É umha merda ser galego/escocês! SOQ



Ter. 01-Dez-09. Trinta anos sem EBA. F.V.

Sabedes o que figemos... nos últimos dezasseis meses

Em essência, dedicamo-nos a copiar e colar... de nós próprios, isso sim, diferenciando um bocadinho da nossa musa A. R., quem, menos egocêntrica do que nós, copiava de outrem (mas só por erro informático).

Seja como for, a nossa atitude, a de aplicarmos a Lei do Mínimo Esforço, foi devidamente penalizada pelas leitoras e leitores do periódico galego de informação crítica, quem através de um inquérito (como o de Vázquez&Lorenzo? :-)) figérom saber a sua desconformidade... e nominárom-nos para abandonar A Casa A Revista, e nós decidimos abandoná-la a pé feito.

Portanto: That's all folks!!!

N.B.: a festa continua na tasca www.seioque.com

Qua. 02-Dez-09. La chispa de Galicia, A.T.



Qu-03-Dez-09. Olhos de husky (Feijóo). J.J.M.



Starring (in order of appearance): SOQ (Seioque), M.C.F.S. (M.ª do Carmo Formelos Salido), J.J.M. (Jenaro Jesus Marinhãs), A.R.Q. (Ano Rosso Quintana), F.V. (Franco Vicetto), A.T. (Alfredo Tascas).